

O MENSAGEIRO

JORNAL ACADÉMICO DO LICEU DE D. MANUEL II

(Ao abrigo do Art. 445 do Decr. 36.508)

Núm.º 12

ANO II

1/2/1954

Preço 1\$50

Professor Orientador:

Dr. Óscar Lopes

Corpo Redactorial:

Vitor J. Alegria
Eduardo Pinho
José Augusto Seabra

A. Belmiro Guimarães
Arnaldo Pinheiro Torres
Eurico Consciência

Composto e impresso na:

Esc. Tip. Oficina S. José—Tele. 21866
R. Alexandre Herculano, 123 PORTO



O PROBLEMA

DO ANALFABETISMO

«Ler, escrever e contar não constitui senão o objectivo preliminar: a leitura, a escrita e o cálculo são apenas os instrumentos necessários de uma obra de educação popular.

Não pode, por isso, um sistema coerente de educação confinar-se à simples preocupação de alfabetizar, antes há-de conter tudo o que apresente interesse saliente para a valorização humana e social do nosso povo.

Impõe-se, na realidade, dar a conhecer a cada adolescente ou adulto o sentido dos valores éticos e sociais e proporcionar-lhes aquele mínimo de preparação para a vida sem o qual não pode realizar-se como homem nem contribuir eficazmente para a sociedade em que vive» (1).

Com efeito, estas palavras do sr. Sub-Secretário de Estado da Educação Nacional são justas e vêm de encontro ao maior problema da Cultura no nosso País: o analfabetismo duma grande parte da Nação.

Nós temos que considerar que a Nação vive na medida em que o seu povo vive. As condições sociais em que vive a maioria da população influem de maneira decisiva no futuro da Pátria.

O século XX, com o seu enorme progresso técnico-científico, veio trazer uma série de problemas que necessitam de ser resolvidos no mais breve espaço de tempo possível. Assim, este ensino do «ler, escrever e contar» tem de servir de base para todo um desenvolvimento no sentido da satisfação das necessidades e aspirações actuais do povo, as possibilidades de cada um ter uma vida mais feliz e melhor, integrado na evolução da sociedade, adicionando os seus esforços a tantos outros poderá ajudar a dar o passo decisivo na verdadeira e justa compreensão de todos os problemas cruciantes dos nossos dias, para um mundo melhor, mais feliz e em Paz.

O conhecimento da Ciência, da Técnica, da Literatura, enfim, de todos os aspectos da cultura, não se pode limitar a uma *élite* reduzida—não empregando aqui *élite* para designar um conjunto de indivíduos seleccionados de uma determinada massa populacional, mas um conjunto separado dessa massa, alheado dos seus maiores e reais problemas.

Na realidade, só a existência duma massa populacional conhecendo e encarando a vida como ela é, abrindo o futuro graças ao maior desenvolvimento da Ciência e da Técnica—postas ao serviço do homem em vez de o escravizarem—pode garantir um rendimento nacional de ensino, formação técnica e cultura bastante elevado.

E hoje é impossível seguir o ritmo crescente do progresso se não houver uma bem orientada Educação

de Base. Como poderão o operário e o lavrador dar o máximo do seu rendimento se não souberem como aumentar a produção e tirar todo o proveito possível dentro dumas condições mínimas que os satisfaçam?

No conhecimento da vida, da vida quotidiana, em que se labuta por um futuro melhor, é essencial que os homens estejam aptos a pôr todas as suas faculdades e fôrça ao serviço do progresso, do bem de todos, apetrechados para suportar a evolução da Humanidade. Todos os meios de progresso têm de ser utilizados para alcançar os objectivos superiores da vida, evitando assim que estes sejam adulterados. É preciso que todos ganhemos consciência da nossa posição no cosmos, e do meio em que vivemos; da nossa personalidade e do sentido real da dignidade, da luta constante por um aperfeiçoamento *constante*, por uma realização plena.

Agora, passo ao problema do nosso País, com 40,4% de analfabetos, segundo o recenseamento de 1950. As estatísticas abaixo apresentadas são bastante elucidativas.

Taxa de analfabetismo para o total da população maior de 7 anos

	1911	1920	1930	1940	1950
Continente e Ilhas	70,3%	66,2%	61,8%	49,0%	40,4%
Continente	70,2%	66,2%	61,5%	48,8%	40,3%

Segundo o último recenseamento, Portugal Continental tem 7.219.662 habitantes, dos quais 3.434.041 são homens e 3.773.621 mulheres.

(Continua na página 9)

POEMA

Ó céu de Portugal tão perto dos meus braços,
Ó canções sadias como a terra fresca,
Ó mar das grandes latitudes,
Ó claridade enfurecida deste sol de Maio,
Ó serras inundadas de saúde prendendo rios e matas nos teus laços,
Ó alegria louca deste país claro,
Ó geniais apoteoses de luz e alegria,
—Onde nasceu esta gente silenciosa
passando a meu lado tão sombria?

Eduardo Valente da Fonseca

(Inédito especialmente enviado e dedicado a O MENSAGEIRO por este jovem poeta, cujo último livro publicado no-lo apresenta como uma prometedora revelação.)

(1) Transcrito do jornal «Escola Portuguesa», n.º 951, de 17 Abril de 1953.

FESTA DO NATAL

NOS DOIS LICEUS FEMININOS

Como de costume, realizaram-se nos dois liceus femininos desta cidade as tradicionais Festas do Natal. Duas ex-alunas, agora nossas colegas neste liceu, passam a relatá-las:

NO LICEU DE CAROLINA MICHAËLIS

O grande salão de festas estava cheio, havendo a realçar a presença da Ex.^{ma} Senhora Reitora e de grande número de Senhoras Professoras.

Entre a assistência, além das alunas deste estabelecimento de ensino, muitas crianças pobres, as mais pequeninas das quais acompanhadas de suas mães, e algumas antigas alunas que quiseram recordar os momentos festivos do «seu» Liceu.

Ainda com o pano corrido, ouviu-se a «Valsa da meia-noite», tocada em piano e violino.

Correu o pano. Que interessante!

Como alegoria ao «Ano Mariano», surge aos nossos olhos um quadro vivo, representando Nossa Senhora da Conceição, ao mesmo tempo que se ouve, cantado por um grupo de alunas, o «Tota Pulchra».

Segue-se uma série de quadros vivos, impressionantes alguns, que relatam toda a história do Povo Hebreu, desde Abraão ao Nascimento de Jesus, em Belém.

Depois do quadro de «Abraão», vem o de «Moisés» no Monte Sinai, onde recebeu as Tábuas da Lei, ouvindo-se nesse momento um estampido acompanhado de luz intensa—a voz de Jeová.

Um terceiro quadro mostra-nos «Josué», ao qual se segue o de «David» que, acompanhado pela sua lira, entoa uma ária, por sinal primorosamente cantada.

Profetizando a vinda do Messias, seguem-se quatro quadros, representando, sucessivamente, «Isaias», «Miqueias», «Malaquias» e «Zacarias».

Destaca-se em seguida o quadro do «Cativo da Babilónia», com toda a desolação e tristeza estampadas no rosto daquele infeliz povo, ouvindo-se o Coro em «Salmo do Povo».

Os «Sacerdotes» e os «Romanos» são dois quadros que precedem o do «Nascimento de Jesus».

Neste último, está o presépio, rodeado de querubins, que se levantam e vão buscar as crianças pobres, levando-as ao palco a apreciar de perto o presépio, onde receberam brinquedos.

Enquanto esta cena vai decorrendo, um grupo de alunas faz-se ouvir em «Cântico do Natal», «Canção de embalar», «Glória a Deus» e «Vamos ao Presépio».

Tomaram parte na representação e interpretação dos quadros as alunas jecistas, pré-jecistas, as do 7.º ano, as de Arte Cénica e ainda algumas outras.

Finda a representação, foi oferecida na cantina do Liceu uma boa merenda a todas as crianças pobres que lá se encontravam, as quais estavam contentíssimas.

Nesse mesmo dia foram distribuídos bodos não só aos pobres socorridos pela Conferência de S. Vicente de Paulo e de S.ta Inês, mas também a muitos outros.

E no meio da alegria e do entusiasmo de todos, acabou mais uma festa de Natal, esta de 1953, do Liceu Nacional de Carolina Michaëlis.

M. Helena de Almeida

NO LICEU DA RAINHA S.ta ISABEL

A festa abriu com a apresentação de Maria do Carmo Castelo Branco, que recitou a poesia da sua autoria, «Rosita». Depois, M.^a Cândida Hespanha fez-se ouvir recitando o soneto que escrevera, «Hora Suprema», seguindo-se uma série de recitativos de poesias de autores portugueses e brasileiros. Um grupo de alunas do 5.º ano interpretou alguns passos do «Auto do fim do dia», de António Correia de Oliveira, e outro grupo do 4.º ano interpretou «Prelúdio», de Guerra Junqueiro.

Todas as declamadoras foram muito aplaudidas, sendo, no entanto, M.^a Orlanda de Veloso Baradas, que ao recitar «A vida» de António Nobre revelou grandes dotes declamatórios, justissimamente a mais aplaudida.

A sessão fechou, como se costuma dizer, com chave de ouro, com a apresentação das peças «Elogio do Natal», feita expressamente para este fim pela Ex.^{ma} Senhora D. M. Oswald, que mais uma vez, assim como a Ex.^{ma} Senhora D. Lucília Socorro, contribuiu com o seu valioso trabalho para a organização de festas como esta.

O grupo de raparigas que interpretou «Elogio do Natal» desempenhou muito bem o seu papel, sendo notável a interpretação da valsa N.º 7 de Chopin, ensaiada pela Ex.^{ma} Senhora D. Lucília, para cujo sucesso contribuíram as grandes qualidades de bailarina de M.^a Cândida Hespanha, que se distinguiu como figura principal.

A peça terminou com a entoação duma canção do Natal por todas as alunas presentes e M.^a Cândida Hespanha interpretou-a com um gracioso bailado. A autora, a ensaiadora e as actrizes foram todas demoradamente aplaudidas no fim da representação.

Verificaram-se algumas deficiências no decorrer da festa, devido às fracas condições de representação com que se trabalha naquele estabelecimento de ensino, para a realização de festas, mas que não impediram que a assistência e todas as pessoas, que dalguma forma contribuíram para a realização daquela agradável sessão, ficassem satisfeitas.

M. H.

Tudo para ciclismo. Bons preços

António Moura & C.^a, L.^{da}

Praça Campo Mártires da Pátria, 34-36

(à Cordoaria)

PORTO

DESPORTO

PRATIQUEMOS DESPORTO

Numa época em que o desporto é a paixão dominante da juventude e em que está absolutamente provado que, praticado num certo limite, só traz benefícios ao seu praticante, não faz sentido que dentro do nosso liceu, onde há mais de 900 alunos plenos de uma radiosa juventude, apenas cerca de uma centena deles o pratiquem.

E pensando bem, todos ou quase todos os rapazes deste estabelecimento de ensino, devidamente orientados, poderiam vir a ser magníficos desportistas.

São tantos os desportos que, tenho a certeza, a um deles, pelo menos, todos se adaptariam. Para isso o que é preciso?

E' bem simples a solução—experimentar as diversas modalidades desportivas.

Para melhor me fazer compreender, dar-vos-ei para exemplo um meu amigo para quem há ainda bem pouco tempo a palavra desporto não tinha qualquer significado e que, no entanto, é hoje um bom praticante de basquetebol.

Esse rapaz andou comigo na escola e lembro-me bem de que quando uma bola, atirada ocasionalmente pelos companheiros, lhe ir parar aos pés, afastava-se sem ser capaz de a pontapear.

O pai, que conhecia as vantagens do desporto, resolveu iniciar o filho na vida desportiva.

Para isso, começou a levá-lo a desafios de andebol, futebol, voleibol, corridas de ciclismo, atletismo, natação, etc.. Porém, o filho por nada se entusiasmava, procurando distrair-se doutra forma mais «cómoda», indo frequentes vezes ao cinema. Um dia, ao ver num documentário cinematográfico uma apresentação dos maravilhosos «Globe-trotters», achou tanta graça às suas «fintas» magistraes e aos seus belos lançamentos que, ao chegar a casa, manifestou ao pai o desejo de ver um desafio de basquetebol. Hoje é um bom praticante da modalidade.

Por que não se experimenta neste liceu uma tentativa de iniciação desportiva desses alunos que nenhuma modalidade praticam? Para isso nada melhor do que a organização de campeonatos inter-turmas ou pelo menos inter-anos, tanto de andebol como de basquetebol, ping-pong, voleibol, etc., e quanto mais depressa melhor.

A fechar, desejo-vos muitas felicidades e peço-vos que vos lembreis que Portugal precisa de nós para o representarmos dignamente nas lides desportivas internacionais. Vêde os louros que alcançaram e a glória que deram à Pátria os dois jovens campeões mundiais de «Snipes» e os valorosos hoquistas da categoria de «juniores», campeões da Europa. E quem são eles? Estudantes como nós e como nós filhos de Portugal! Lembrai-vos ainda que o nosso Liceu tem dado bons desportistas, alguns hoje «internacionais», tentai fazer como eles e em breve vereis coroados de êxito os vossos esforços! Para vencer é preciso vontade! Tende vontade e vencereis.

Jorge Araújo

ALGUMAS NOTÍCIAS

—Começarão brevemente os campeonatos de Andebol e Basquetebol que todos os anos se realizam neste Liceu. Há grande expectativa e interesse.

—A secção da M. P. de Hóquei em Patins tem estado em actividade. Já se realizaram dois jogos entre elementos do 2.º e 3.º ciclo, dos quais sairá o grupo apresentativo do Liceu.

A VELA

Como povo de navegadores que somos, eis um desporto dos mais adequados à nossa maneira de ser, minha, pelo menos: a vela.

Ali, no meio da melhor camaradagem, andamos felizes, por podermos sentir aquelas sensações do balanço do barco, do barco adornado, tendo de se fazer «prancha», isto é, inclinar-se para sotavento para equilibrar o barco, etc. . .

Nós, os novos, por vezes ficamos tristes por não podermos andar de «Lusito», mas temos sempre uma consolação: ou a lancha, ou o «Vouga».

De princípio, tem de se passar por praxes: ao subir as escadas, um ou dois baldes de água pela cabeça, por vezes um mergulho forçado: mas, apesar de tudo, nunca desanimamos, pelo contrário, ganhamos vontade de fazer o mesmo aos outros.

De tudo, o pior é limpar o barco! Uf! . . .

Duma maneira geral a água do porto está sempre impregnada de óleo, de maneira que ao levar os barcos para terra eles estão todos sujos, tendo-se de os lavar com «pó» ou gasolina.

O ar livre, o vento, o frio matinal e a força empregada para segurar as «escotas», tudo isto enrijece o físico e desenvolve os músculos.

Pena é que muitos rapazes não se interessem por este desporto, que só lhes faria bem. Demais a mais, não perdem tempo, porque, afinal, eles consagram-lhe o mesmo que teriam de gastar noutras actividades extra-escolares obrigatórias, de que, assim, estão dispensados.

Armando Manuel Machado Guimarães

Nota da Redacção

Rogamos a todos os nossos colaboradores o favor de, quando enviarem os seus trabalhos, os apresentarem redigidos de um só lado de cada folha, e legivelmente. De contrário, vemo-nos obrigados a recusá-los. Aproveitamos também a oportunidade para solicitar mais ampla colaboração, em vista dum melhoramento do nível do jornal.

Bazar Esmeriz

Rua dos Clérigos, 70-74

PORTO

O bazar que possui o maior sortido
de brinquedos

E' a Terra o único planeta habitado?

I - O UNIVERSO

Pode dizer-se que as investigações sobre a estrutura do universo foram iniciadas por William Herschel (1738—1822). Aos dezasseis anos, foi do Hanover para Inglaterra, onde ganhava a vida como músico. As suas horas vagas, porém, dedicava-as a estudar óptica e astronomia. No entanto, o seu espírito inquiridor não se contentava com leituras e, assim, não tendo possibilidades de comprar um telescópio, decidiu ele mesmo fazer um.

E fê-lo. Não um, mas vários. Mostrava extraordinária habilidade não só em construí-los, mas também em usá-los: no dia 13 de Março de 1781, descobriu qualquer coisa que descreveu no jornal como uma «curiosa nebulosa ou, talvez, um cometa». Provou depois que se tratava de um planeta, hoje conhecido pelo nome de Urano. Esta descoberta valeu-lhe o ser nomeado Astrónomo Real pelo Rei Jorge III de Inglaterra, com um salário de 200 L. anuais. Daí em diante, pôde viver apenas para a pesquisa sistemática dos céus.

Chegou à conclusão de que o nosso universo era um sistema largo e achatado, de forma aproximada à de uma pedra de amolar. A aparência da Via Láctea seria o resultado de olharmos de uma posição central do sistema nas direcções da sua maior extensão.

«Olhei mais longe no espaço do que qualquer outro homem antes de mim. E observei estrelas cuja luz deve levar dois milhões de anos a chegar à Terra», disse ele, certa vez. Notável, esta afirmação, numa época em que não eram conhecidas distâncias interestelares;

Muitos pormenores foram acrescentados às suas teorias e algumas delas modificadas. Todavia, não foi sem razão que o chamaram pai da moderna astronomia e bem merecidas foram as palavras do seu epitáfio: «Coelorum perrupit claustra».

Foi apenas em 1835 que, pela primeira vez, se mediou a distância que separava a Terra duma determinada estrela, embora o método seguido seja bastante simples e análogo ao que empregamos para calcular distâncias terrestres: o astro considerado será observado das duas extremidades de uma linha-base de comprimento conhecido e as observações dar-nos-ão o ângulo formado pelas direcções que unem esse astro com essas extremidades. Fazendo observações quando a Terra se encontra nos dois extremos da sua órbita, obtém-se uma linha-base de 300.000.000 km, aproximadamente. Não é possível arranjar maior comprimento.

É conveniente exprimir as distâncias interestelares em anos-luz, ou seja, em unidades de comprimento iguais à distância que a luz percorre num ano. Sendo de 300.000 km por segundo a velocidade da luz, estas unidades valerão aproximadamente 9.460.800.000.000 km. Se dissermos que uma estrela está a 4 anos-luz de distância, será o mesmo que dizermos que ela está a $4 \times 9.460.800.000.000$ km. Este modo de falarmos tem a vantagem de nos lembrar que vemos a estrela não onde ela está e como ela é no momento, mas quatro anos antes.

Este processo trigonométrico torna-se tanto mais falível quanto menor o ângulo, isto é, quanto maior for a distância que nos separa da estrela. Se quisermos explorar o espaço a distâncias maiores, teremos de usar métodos indirectos baseados nos brilhos aparente e real dos astros. Estes métodos permitem resultados muito certos. Foi assim que se calculou o diâmetro do nosso universo estelar em 100.000 anos-luz e a distância do Sol ao centro do sistema em cerca de 30.000 anos-luz.

Não é possível dizer quantas estrelas há no sistema, mas pode tomar-se 100.000 milhões como uma estimativa aproximada, indicando a grande escala em que está feito o universo.

O Sol gira em volta do centro do sistema e caía revolução completa demora cerca de 225 milhões de anos.

As estrelas aparecem tão aglomeradas em algumas fotografias da Via Láctea que nós seríamos levados a erer que ocorressem frequentes colisões entre elas. Esta aparência é, contudo, enganosa. As estrelas estão separadas por distâncias tais que o nosso universo está relativamente vazio. A mais próxima, depois do Sol, está a 4 anos-luz de distância e, portanto, é, bem claro que a vizinhança do Sol está razoavelmente livre de estrelas. Jeans calculou que uma colisão entre as estrelas poderá ocorrer, em média, uma vez em cada 600.000 bilhões de anos. Isto é muito mais que a idade de qualquer estrela e, por conseguinte, podemos dizer que estes choques nunca se dão.

Será natural que agora se apresente uma interrogação: e, para além do nosso universo estelar, o que há? William Herschel estava convencido de que algumas das nebulosas que observou eram outros universos, a distâncias tão grandes que os seus telescópios os não podiam resolver em estrelas distintas. A análise espectroscópica da luz dessas nebulosas dá confirmação à hipótese de Herschel,

visto que a luz delas proveniente não mostra as características da luz de um gaz incandescente e sim de luz de estrelas.

As nebulosas em questão são geralmente chamadas espirais porque, quando vistas perpendicularmente aos seus diâmetros, se apresentam com estrutura espiral. Conseguiu-se determinar as distâncias de algumas dessas nebulosas à Terra e essas distâncias são da ordem de milhões de anos-luz. Isto é evidência concludente de que as nebulosas espirais estão fora do nosso universo e são, de facto, outros universos.

O tamanho destes outros sistemas é, mais ou menos, o do nosso próprio e estão também em lenta rotação. Parecem, também, conter a mesma quantidade de matéria que o nosso (160.000 milhões de vezes a massa do Sol).

Por exemplo, o universo distante que se vê na constelação de Boöte está a uma distância de 230 milhões de anos-luz. Tal distância está além de toda a imaginação possível ao Homem. Enquanto a luz pela qual vemos este universo viajou através do espaço, os dinossauros e répteis voadores apareceram na Terra e, com a lenta marcha da evolução, desapareceram; cordilheiras se levantaram e aplanaram pela erosão; a distribuição de mares e continentes mudou inteiramente; e, por fim, quando a luz se estava aproximando do fim da sua longa jornada, o Homem apareceu na Terra. Tão colossais distâncias, embora ultrapassem os nossos poderes de concepção, não deixam de nos impressionar com a vastidão do espaço.

Tal é, em poucas palavras, a figuração do universo que as modernas observações astronómicas nos proporcionam. Vemos a Terra como um pequeno planeta, girando em volta do Sol; o Sol, por sua vez, uma estrela média situada algures num vasto sistema no qual as estrelas são contadas por muitos milhares de milhões; e, finalmente, muitos milhões de tais sistemas, mais ou menos semelhantes uns aos outros, povoando o espaço até aos mais longínquos limites que a moderna exploração atingiu.

Será apenas a Terra, pequeno nada nas profundezas do espaço, a sede da vida? Pode a astronomia dizer-nos se a vida existe ou pode existir em qualquer dos outros planetas do sistema solar; e se pode existir, onde? É possível considerar a probabilidade de existência de vida algures no universo, mesmo fora do nosso sistema solar?

Nos capítulos seguintes será feita uma tentativa de resposta a estas perguntas, tanto quanto é possível à astronomia.

Manuel José da Silva Mendes de Carvalho

Enquanto Chove...

Chove, chove lá fora...

As árvores murmuram, embaladas

Pelo vento que ruge nas frestas das entradas.

E chove, chove...

Parece que o mau tempo não quer mais ir-se embora.

E eu dentro de mim sinto que eu já não sou eu,

Pois na minh'alma vibra um sentimento ardente

Que me deixa cismar, sonhar tão docemente,

Que me esqueço da Terra, julgando estar no Céu.

Eu ouço um coro d'anjos cantar doidas toadas.

E o vento ruge, ruge, nas frestas das entradas...

Mafalda de Jesus

(Liceu de Carolina Michaëlis)

HUMORISMO

O melhor suicídio

Conheci um rapaz que se dizia infeliz porque a «pequena» o tinha trocado por outro. Bagatela, dirão V.^{as} Ex.^{as}. Foi o que eu lhe disse com a prática que me prezo de ter em assuntos sentimentais. (Tosse). Ele não quis crer. Não podia viver sem aquela atrevida, a qual, aliás, podia muito bem viver com outro — até que teve a ideia de se matar, suicidando-se a ele próprio. No mesmo dia em que se ia lançar ao rio Douro, precipitava-se da ponte abaixo uma senhora de 70 anos, igualmente com ideias suicidas. O Jeremias, assim se chamava o meu amigo, distraiu-se da sua ideia, salvou-a, e só reparou que também se tinha salvo a si próprio quando, em sessão solene do Instituto de Socorros a Velhos Náufragos, lhe puseram ao peito uma medalha de ouro, que, afinal, mais tarde, reconheceu ser de lata dourada. Como o desgosto continuasse a miná-lo, o rapaz decidiu recorrer a outro meio de suicídio. Chegou à oficina onde trabalhava, fechou as portas todas, abriu o bico do gás e... esperou. E... nada. Só passado um mês é que se lembrou que a Companhia lhe mandara fechar o gás, por ele estar em débito há três meses.

Tencionou então usar de uma arma de fogo para se destruir, e comprou um revólver de dois canos. Na altura de apontar o cano ao touthço, os seus olhos caíram, de repente, sobre um jornal, onde leu que um cidadão fora condenado a uma enorme multa por andar armado sem a respectiva licença. Com receio de que lhe sucedesse o mesmo, tratou logo de o vender a um ferro-velho.

Esteve tentado a enforcar-se. Comprou, mesmo, a corda, o gancho e o restante material; mas tendo-se lembrado de que os enforcados costumavam deitar de fora toda a língua que têm, Jeremias, que, desde a sua infância, ouvira dizer que isso ainda é mais feio do que meter os dedos no nariz diante de gente, não quis faltar ao respeito dos que viessem encontrá-lo já defunto, morto, falecido e irremediavelmente cadáver. Desistiu, pois, porque era um moço bem educado.

Então... teve uma ideia luminosa, mais luminosa do que as lâmpadas que, em dias de festa, se costumam acender na fachada do nosso Liceu.

Foi à cave da sua casa, onde armazenava todos os jornais que comprava, fechou-se no quarto e, depois de ter trancado a porta, dispôs-se a seguir o único processo infalível de auto-assassinato.

* * *

Passada meia hora, os vizinhos acudiram. Ouvia-se, de fora, o Jeremias, rebolando-se pelo chão, com sufocações que causavam horror. Arrombaram a porta. Era tarde. O Jeremias estava morto. O desgraçado encontrara, por fim, uma forma de suicídio. Rebentara a rir, morrera de riso, lendo as páginas humorísticas dos onze números publicados d'«O Mensageiro»...

Eduardo Pinho

CONCERTO DE MÚSICA GRAVADA

Integrado no plano exposto pelo colaborador Henrique J. Moreira da Cruz no artigo sobre Música, realizou-se no dia 23 de Janeiro um concerto de Música gravada para alunos deste Liceu. O programa incluiu:

Prokofieff («Pedro e o Lobo»), Richard Strauss («Till Eulenspiegel») e Dvorak (4.^o andamento de «Sinfonia do Novo Mundo»). Estão previstos novos concertos, para que chamamos a atenção de todos os leitores.

«Coisas Velhas»

Com sua licença, amável leitor, vou dar-lhe conhecimento das pessoas e coisas mais «barbas» deste liceu:

- 1) As vertigens do Marnoco...
- 2) As banhas do Rufino...
- 3) A gravata de jornal e as filosofias do Pimenta...
- 4) As colegas...
- 5) A «grafonola» do Wengorovius...
- 6) O humorismo do Pinho...
- 7) Os dois palmos de testa do Franciscois...
- 8) A minha falta de consciência... (É mentira e nem tem piada.)
- 9) As conquistas do Afrânio...
- 10) A graça do Graça...
- 11) A arte de bem copiar... e
- 12) Os «bons» do sr. Dr. Óscar Lopes...
- 13) O liceu...
- 14) Os «Austins» do sr. Dr. Maia Aroso.

Sómente acrescentarei que algumas destas coisas são como os livros raros — só por acaso aparecem. É o caso dos «bons» do Sr. Dr. Óscar Lopes.

Eurico A. H. E. I. T. O. R. Consciência

Notas, notas e mais notas!

Chegou o Natal!

Nos bancos, nas casas comerciais, nas fábricas e em quase todas as empresas, o pessoal, nesta quadra festiva, é recompensado do seu esforço, ou melhor ou pior, segundo o critério do patrão e de harmonia com o valor real do empregado.

Essa recompensa consiste, em geral, na entrega dum envelope mistério que contém uma certa quantidade de *notas* de banco: uma, duas, três, quatro *notas*, etc. *notas*...

O que é certo é que o empregado, por menos que sejam as *notas*, fica sempre ou quase sempre satisfeito.

Para os alunos dos estabelecimentos de ensino, o Natal, sempre caridoso, traz também *notas*, muitas *notas*!!!

Agora, do que eles, melhor dizendo, *nós*, não nos podemos gabar é de sempre ficarmos satisfeitos com as *notas*.

Pois se é certo que os empregados com as *notas* que lhes dão ficam radiantes e tiram delas sempre bom proveito, o que é certo também é que as nossas *notas* nem sempre têm boa utilidade.

Pois não querem Vocês saber? Vejam lá o que são as coisas:

A troco das minhas *notas* levei uma grande sova...

E ainda há quem queira *notas*!!!

Uma vítima das notas

FIGURAS DO CINEMA

EMILIO FERNANDEZ

Emilio Fernandez nasceu em Hondo, Coahuila (México), a 26 de Março de 1904. O pai era mestiço e a mãe índia. O sangue índio que lhe corre nas veias deve explicar o facto de serem o índio e os seus problemas a base de quase toda a sua obra. Frequentou a Academia Militar e aos 18 anos já era tenente-coronel de artilharia. Tomou parte na guerra civil, sendo capturado e condenado a vinte anos de prisão. Fugiu para os Estados Unidos e conseguiu trabalho como «duplo» em Hollywood. Aqui, travou conhecimento com o realizador John Ford, que lhe deu pequenos papéis em alguns dos seus filmes.

De regresso ao México, continuou a trabalhar no cinema. Porém, só em 1938 dirige a sua primeira película, «Isla de la Pasión», que não veio a Portugal, o mesmo sucedendo com o filme seguinte, «Soy Puro Mexicano».

O primeiro dos seus filmes que veio a Portugal foi «Abandonadas», uma história humana que atinge grande realismo, principalmente em algumas imagens da parte final, valorizadas pela fotografia de Figueroa, que daqui em diante será o fotógrafo de todos os filmes de Fernandez.

Em «A Pérola», baseado num conto de John Steinbeck, não obstante a simplicidade do tema, deu-nos imagens de grande beleza, realçadas pela arte superior de Figueroa. A seguir, vimos «Flor de Sangue», que considero a mais inferior de todas as obras do grande artista mexicano que se exibiram no nosso país.

Prosseguindo o caminho iniciado, em 1934, pelo russo Sergei Eisenstein com «Que Viva México», filme que reflecte bem os problemas da vida do índio, Fernandez juntamente com Gabriel Figueroa tornar-se-ão os expoentes máximos da cinematografia da pátria de Juarez.

Será com «Maria Candelária», «Rio Escondido», «Enamorada» e «Um Filho que não pedi», as suas obras fundamentais, que Fernandez triunfará definitivamente.

Em «Maria Candelária», impressionou-me extraordinariamente a sequência última. A furiosa perseguição movida a Maria Candelária pelos semi-bárbaros habitantes da aldeia e que termina com o apedrejamento e morte daquela rapariga inocente, tudo isto é registado através de cruas mas inesquecíveis imagens. Há pontos de contacto entre o fim desta película e o de «Beleza Maldita», realizada dois anos mais tarde. Porém, neste último, pode-se acusar Fernandez de ter transigido com os gostos do grande público⁽¹⁾, arranjando um epílogo um tanto romanesco.

Uma professora recebe do governo missão de levar a luz da cultura a uma recôndita aldeia do interior do México, que era despoticamente dominada pelo regedor, missão essa rodeada das maiores dificuldades.

Apesar de tudo ela vencerá, embora o preço de triunfo seja a própria vida. Tal é o tema de «Rio Escondido», que Fernandez e Figueroa nos apresentam em vigorosas pinceladas. Quem viu este filme não poderá esquecer, entre outras, as cenas da procissão em que o povo percorre as ruas da aldeia, rogando ao Criador a chuva que acabaria com a terrível seca que o afligia.

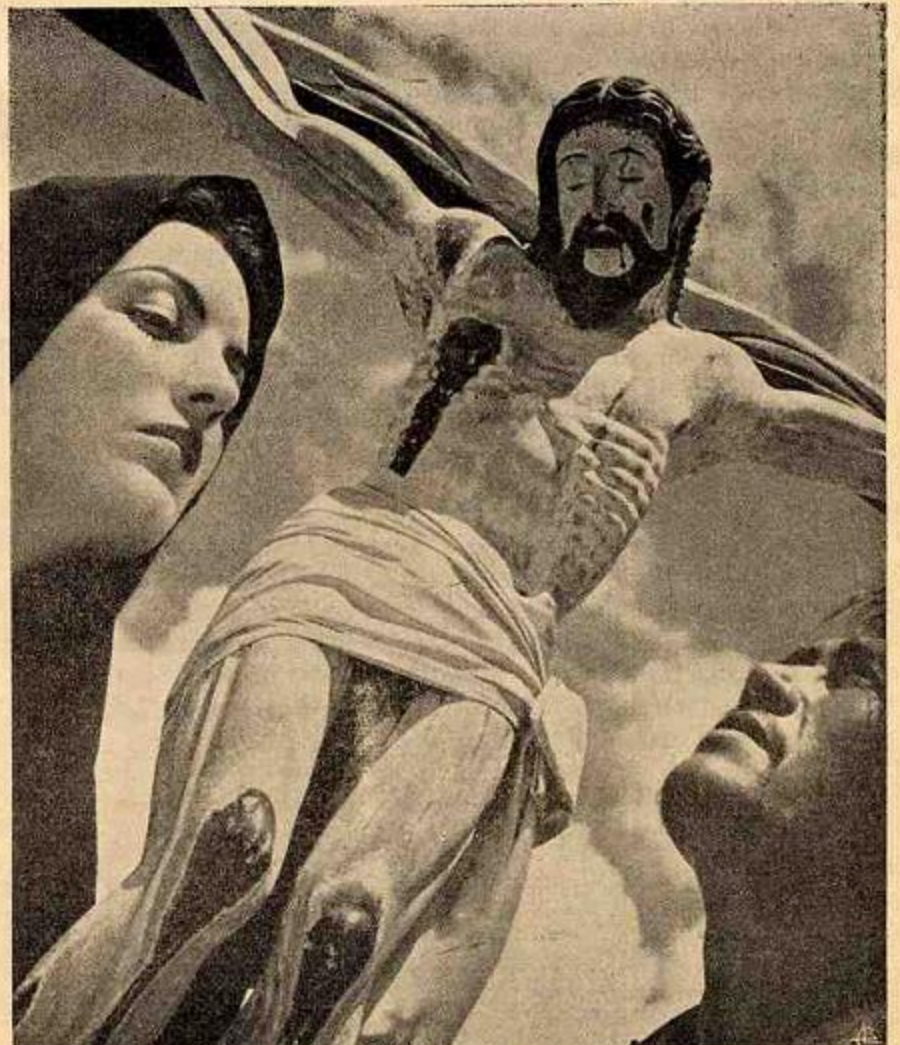
«Enamorada» e «Um filho que não pedi» são dois grandes poemas de amor. Toda a poesia, comum à restante obra de Fernandez, atinge o máximo nestes dois filmes.

Entretanto, haverá mudança de rumo na obra de Fernandez ou, pelo contrário, conservar-se-á fiel aos mesmos princípios? O tempo o dirá.

Antes de terminarmos este ligeiro apontamento, queremos citar uma afirmação de Gabriel Figueroa, hoje considerado o melhor fotógrafo do mundo, que demonstra a influência dos modernos pintores mexicanos na obra de Fernandez, à qual Figueroa prestou a sua valiosa colaboração:

«O nosso cinema é essencialmente pictórico. A escola mexicana de pintura é uma das primeiras do mundo. Diego Rivera, Clemente Orozco e David Siqueiros são os maiores pintores da sua geração. Criaram um estilo que traduz perfeitamente a alma e as aspirações do país. Para nós, o caminho estava traçado. Nada mais tínhamos a fazer do que transpor em imagens de cinema o que eles tinham desenvolvido nos quadros e nos frescos».

Carlos Araújo



Um passo do filme de Emilio Fernandez «RIO ESCONDIDO».

(Cliché gentilmente cedido pelo Cine-Clube do Porto)

(1) A expressão «grande público» designa todas as pessoas, infelizmente a maioria, que consideram o cinema apenas como uma forma de diversão.

MÚSICA

Algumas palavras de introdução a uma iniciativa de divulgação musical

Tendo O MENSAGEIRO entrado no seu segundo ano de publicação, julgo ser já tempo de ver, entre as suas páginas, uma que se dedique a uma das mais nobres das artes, a Música. Em onze números saídos, apenas em um se escreveu um artigo sobre o assunto, o qual, diga-se, nos agradou bastante, ainda que feito por um colega que, mostrando interesse por Música, se confessa com muitos poucos conhecimentos ainda dela.

É, portanto, intento nosso começar esta nova actividade, que vem preencher uma lacuna importante da parte «Cultura» do nosso jornal.

Como, infelizmente, em Portugal, e desde já há muito tempo, a cultura musical—cultura esta que traduz em grande parte o aspecto geral da cultura de um povo, pois, sendo das principais manifestações artísticas, não se pode colocar em degrau inferior à filosofia, à literatura, etc.—tem estado em plano muito inferior, de certo por razões muito complexas, mas que não nos cabe aqui examinar nem enunciar, o número de interessados nesta secção não-há-de ser, julgamos, grande.

Mas isto, certamente, não nos vai desanimar, e não nos fará cruzar os braços, em posição deveras cómoda, baseando-nos, para isso, nas razões acima apontadas. Antes, pelo contrário, começaremos cheios de boa vontade, procurando tornar esta secção o mais agradável possível, tratando assuntos que a todos possam interessar, sem entrar em pormenores teóricos ou técnicos, sem esmiuçar a obra deste ou daquele compositor, até mesmo não incluindo biografias dos grandes vultos da Música, que não-de ser, forçosamente, muito incompletas no aspecto crítico da sua obra e maçadoras e com pouco interesse na parte que diz respeito aos factos da sua vida. Assim, falar-se-á de assuntos de ordem mais geral, como a Música nos povos da Antiguidade, a Música nas suas relações com a sociedade, etc.

Estes trabalhos, no entanto, não têm a intenção de serem originais, pois não nos julgamos disso capazes, dado o grau de conhecimentos possuídos, que nunca pode ser elevado, em vista da complexidade do assunto, da dificuldade do seu estudo, e do tempo, que ainda não foi muito. Apoiar-nos-emos, portanto, em obras de autores responsáveis.

É certo que a Música é uma realidade, e só se pode criar o gosto por ela fazendo-a ouvir. E, com bastante contacto, é possível mesmo transformar indivíduos que a princípio como que têm horror (ou medo de cometer algum sacrilégio!) em ouvir, ainda que só algumas, as notas de qualquer página de um grande Mestre, ou outros que mostram desprezo ou desinteresse por qualquer aspecto da música séria, em verdadeiros apaixonados por esta Arte, ou então, pelo menos, em pessoas com gosto musical, interessadas em conhecer as grandes obras dos Mestres.

Por isso, temos a intenção de dar alguns concertos, que, por dificuldades em arranjar intérpretes, terão de ser, na sua quase totalidade, concertos de música gravada, e que serão acompanhados de pequenas palestras sobre os autores e sobre as obras que vão ser ouvidas. Estas serão dadas, tanto quanto dentro do possível, em ordem cronológica, e ou poderão começar nos músicos do Barroco (Bach e Haendel, para falar nos dois vultos máximos,

mas não primeiros cronologicamente) e vir até aos nossos dias, ou vice-versa. Aqui, pediamos as opiniões dos leitores interessados; e já que estamos em maré de pedir, não nos esqueceremos de o fazer no respeitante à vossa colaboração na secção com artigos, visto o jornal ser de todos.

Não faltarão, também, entre estes concertos, alguns dedicados à música portuguesa, mas neste caso, decerto, serão sobre a música popular, tão esquecida hoje entre nós, devido ao aparecimento de uma malfadada e poderosa vaga, o fado, o que originou que a maior parte dos portugueses, e por causa destes a quase totalidade dos estrangeiros, vejam nele a Canção nacional portuguesa.

Não temos a intenção, nem a esperança, no entanto, de com isto elevar o nível musical da nossa gente, visto ser a empresa tamanha deveras para as nossas possibilidades. Mas temos a certeza de que se vai interessar alguém, e criar um bocado mais de ambiente, que, amanhã, quando se tomar a sério a resolução deste antigo e inferiorizante problema, irá, embora em parte não muito notável, contribuir para o resultado final.

Henrique José Moreira da Cruz

Uma carta

da Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria do Céu

Lisboa, 9-XII-1953

Caro Corpo Redactorial d'O MENSAGEIRO:

Foi com vivo prazer, misturado de saudade, que recebi o 11.º número do vosso jornal—que eu vi nascer e ajudei a embalar, e ao qual me liga ainda o mesmo interesse de sempre. Agradeço-vos a oferta—pelo que ela traduz de gentileza vossa e pelo gosto de poder manter, através da leitura d'O MENSAGEIRO, uma comunicação directa e periódica com o vosso Liceu, a que espiritualmente permaneço ligada. «Comunicação periódica»,—escrevi—porque, se a vossa amabilidade me fez chegar às mãos este exemplar do n.º 11 do jornal, ousou esperar que continueis a lembrar-vos de mim...

Aqui ficam expressos os meus votos bem sentidos de que O MENSAGEIRO continue a singrar sob as mesmas brisas benéficas que o viram sair do porto e vá marchando sempre em direcção do mais Alto e do mais Belo. Acarinhai esse Jornal, que é vosso; transmiti-lhe um bom pedaço de Ideal (que fatalmente há-de existir nas vossas almas moças); fazei dele um vínculo de Camaradagem—da boa, da nobre, da franca, da sã camaradagem; procurai torná-lo atraente, variado, e um fogaréu irradiante de Cultura.

E, se vos sobejar um cantinho de papel no próximo número d'O MENSAGEIRO, preenchei-o com esta carta; e permiti que, por intermédio do vosso Jornal, eu cumprimente cá de longe o Ex.^{mo} Senhor Reitor e Ex.^{mos} Senhores Professores desse Liceu e envie Saudações muito amigas a todos os meus antigos Alunos daí, a quem desejo grandes felicidades... e muito boas classificações; bem entendido que desejo o mesmo a todos os outros.

Vossa ex-professora e amiga,
Maria do Céu Faria

Papelarias Araújo & Sobrinho, Sucrs.

Sede: Largo de S. Domingos, 50 PORTO

Filiais: Rua Santa Catarina, 101 e Rua dos Clérigos, 33

Fornecedores dos principais Liceus, Colégios
e Escolas de Portugal

Façamos um diário

Não é uma página arrancada ao meu diário, esse confidente quotidiano, que aqui vou transcrever, nem muito menos ocupar-me dele porque em si poderia ter beleza e elevação, mas o possessivo «meu» roubar-lhe-ia todo o belo e nivelar-lhe-ia toda a elevação.

É sobre a arte de escrever, sobre a premente necessidade que nós, estudantes, temos de plasmar num estilo as nossas ideias e de adquirir uma dicção fácil e correcta, que vou fazer algumas considerações.

O escritor não é o produto de geração espontânea nem de fabrico em série. Para as lides da pena exige-se preparação, estudo, paciência e observação. Para isso, é preciso ler e escrever para se conseguir facilidade no manejo da pena. O treino torna-se indispensável. O soldado não surge soldado no campo de batalha, nem o atleta vence nos estádios sem a conveniente preparação.

Ora, para nós, estudantes, todos os exercícios de redacção são altamente proveitosos, são ensaios para a ave que procura conquistar as alturas. Todavia, o espaço que os separa não deixa que se consiga o fim em vista. O diário atinge mais directamente essa finalidade. O dia a dia da nossa vida, por vezes tão igual, tão monótono, tão enfadonho, tem sempre algo de belo, de grande, de infinito. Descobrir esse algo de imortal que tem a vida é cinzelar a estátua do homem que amanhã há-de resistir ao tempo e à morte. Na vida de cada um há um «quid» que não morre.

Ora, o nosso diário há-de ser o mundo confidente das horas sombrias de melancolia e desalento e também das horas plenas de luz, de alegria, intensa e de vibração entusiasta. A beleza ou fealdade do nosso mundo físico há-de espelhar-se nas páginas do nosso diário, num auto-retrato que exige do artista inspiração e trabalho.

Além do nosso «eu» que aí se retrata transparecem igualmente os reflexos do mundo externo sobre nós. Os horizontes da nossa vida projectam suas sombras sobre o nosso mundo interior. Colorir este cenário é tarefa penosa. Por vezes, é uma paisagem que nos empolga, é um acontecimento, é um quadro, é uma escultura, é um passeio, é um dia da chuva ou de sol, é um começo de estação, e tudo tem o seu reflexo no nosso íntimo. No arranjo deste quadro que ficará na galeria privada de cada um de nós é que nós encontramos a facilidade de escrever, o estilo que nos definirá. Para registar os cambiantes destes momentos, dar luz própria a estes quadros, é sem dúvida alguma preciso o esforço de encontrar a terminologia adequada, o verbo e o adjectivo mais convenientes, observar as regras de sintaxe, para que a nudez da nossa ideia apareça ornada com elegância. De princípio é penoso, mas pouco a pouco torna-se tarefa fácil. É além disso a recordação mais agradável da nossa vida. São pedaços de vida, estados de alma, pensamentos e sonhos que ali ficam gravados e que podemos recordar a qualquer altura.

É no diário que nos encontramos mais a nós e onde revivemos toda a intensidade do nosso pas-

Vertigem

SER, quem és tu,
para que andas e labutas,
para que escondes o nu?
Quem é que escutas?
Quais são as tuas leis,
como sabes que três e três são seis?
Para que é que vives,
por que tens inteligência?
Por que não és só animal,
para que inventaste a decência
e um compêndio de moral?
É certo tudo o que dizem,
sobre como vieste,
sobre a tua origem?
Será que foi do nada,
tal como agora o és,
a mulher de ti tirada,
e de barro feitos teus pés?
Ou terás progredido gradualmente,
descendente directo do antropóide,
que se foi tornando inteligente,
e agora tudo ofende?

Quais são as tuas origens? ...
Não saber de onde se vem! ...
Isto causa vertigens,
embora haja uma mãe!

Se nestes momentos
em ti penso,
quando com estes ventos
não descanso,
quando um grito de revolta
sai de mim,
e apetece a isto
dar fim,
quando me sinto desesperado
e quero ser abatido,
como um cão danado
ou como um perdido,
quando quero ver em demasia,
E sou cego;
Quando minha alma nada vê...
Eu te nego...

José Fernando Matutino Granquinho

sado. Os nossos sentimentos são o que mais fácil temos para emoldurar na prosa ou no verso. Conseguir, portanto, passar ao nosso diário as vibrações do nosso mundo interior é fazer a preparação mais segura para escritor. Pois este tem de ser antes de mais um analista de almas, de temperamentos e caracteres. Que ninguém se proponha escrever para os outros enquanto se não conhecer a si e se não souber apresentar na integridade do seu ser aos leitores. Só os sentimentos comuns são profundamente verdadeiros e podem interessar os outros.

Ter, portanto, um diário, escrevê-lo com a pontualidade e assuidade de um sumário, é a mais fácil escola para se ingressar nas letras. É no *abc* das folhas desse confidente que se encontra o alfa-beto que comporá o poema do futuro.

Maria Luisa Machado Passos
(Liceu de Carolina Michaëlis)

SALA DE ESTUDOS

R. de Serpa
Pinto, 73

ALA

Tel.: 42910
42089

Modalidades de ensino:

Estudo diário — 17,30 às 19,30
para o 1.º e 2.º ciclos e orientado
por Prof. de especialidade.

Cursos de explicação de qual-
quer disciplina de ensino Liceal
e técnico.

Estabelecimento de ensino particular—Curso de admissão aos Ins-
titutos. Nesta cidade, único no género.

Atenção: os nossos pequenos cursos resolvem o problema dos alunos do 3.º ciclo reprovados em algumas disciplinas e de todos os que queiram estudar mesmo fora da idade escolar.

O problema do analfabetismo

(Continuação da 1.ª página)

Desses 7.219.662 sòmente 4.295.284 sabem ler. Eis o quadro estatístico dos não analfabetos:

População Alfabetizada			GRAU DE ENSINO POSSUÍDO						Por- centa- gem
			Primário		Secundário		Superior		
H. M.	H.	M.	H. M.	M.	H. M.	M.	H. M.	M.	H. M.
4.295.284	2.320.650	1.974.611	1.114.975	624.489	134.227	81.417	42.824	33.885	40,4

NOTA—H. indica o sexo masculino, M. o sexo feminino e H.M. o total dos dois sexos.

As conclusões a que chegamos são bem tristes: — pouco mais de metade da população metropolitana portuguesa sabe ler; dos 4.295.284 que sabem ler sòmente 1.292.126 frequentaram estabelecimentos de ensino os restantes só sabem soletrar as palavras ou assinar o nome!!! há 1 habitante com o curso secundário para cada 54, e 1 com o curso superior para 169 habitantes.

Dizei-me, perante isto, que podereis ver por todo o lado em estatísticas, como pretenderemos nós que um grande público se interesse por Literatura ou por Arte.

Assistimos, então, indiferentes ao abismo profundo que se cava cada vez mais entre o público e os artistas, que se desconhecem?

Não! Nunca!

E' preciso liquidar o analfabetismo! E' preciso aproveitar a oportunidade que nos oferece a Campanha Nacional de Educação de Adultos! Ela não será Nacional se nós não lhe dermos o nosso contributo, se a aceitarmos passivamente.

E' preciso, insisto, liquidar o analfabetismo entre a grande massa do nosso Povo! E' preciso valorizar o indivíduo, porque ele é necessário ao desenvolvimento da colectividade, e a colectividade é essencial à realização do indivíduo. E nós necessitamos de desenvolvimento! Nada de estagnar! Nada de palavras balofas! Nada de perder tempo! Movimento! Acção! Trabalho!

O legislador salienta, e muito bem, que interessa dar às populações conhecimentos que lhes aproveitem, que lhes concedam capacidade de julgar, de reflectir, e não conhecimentos inúteis, parciais, que para nada lhes sirvam.

Educação moral e cívica, higiene e defesa da saúde, economia doméstica, previdência social, segurança no trabalho, agricultura, pecuária, todas estas noções devem ter um aspecto prático e utilitário. O ensino do «ler, escrever e contar» deve ser apenas uma primeira *étapa* de uma grande obra de educação popular, progressiva e constantemente ampliada.

E' mais perigoso ficar-se nas noções rudimentares de escrita e de leitura.

Nada de abstracções. E' preciso, saliento mais uma vez, *uma base prática ao máximo do conhecimento.*

Contudo, esta Campanha tem pela frente inúmeras dificuldades.

Temos o contra de não haver um corpo docente convenientemente preparado. O apoio daqueles que maior contributo poderiam dar—rapazes dos últimos anos dos cursos secundários e superiores devidamente preparados—faz uma falta enorme, a fim de que o nível médio dos que ensinam adultos se eleve acima das habilitações previstas legalmente: o exame do 2.º grau.

Os métodos e processos pedagógicos a empregar para com os adultos são muito diferentes daqueles que se empregam para com as crianças. A psicologia do indivíduo já senhor duma personalidade bem determinada não se compara à de uma criança. Que poderão fazer numerosíssimos regentes desses cursos, sem preparação psico-pedagógica para leccionarem crianças, quanto mais adultos? Note-se que o moderno ensino das

crianças apresenta muitíssimas dificuldades e que mesmo os seus métodos deveriam ser revistos.

Não há livros nem processos vulgarizados e ao alcance de todos, não há ainda material escolar em condições, e, assim, o esforço dos leccionadores desses cursos tem de ser enorme, dado que se compenentrem do seu trabalho.

O saber aproveitar tudo quanto possa interessar mais directamente os leccionados, o ir ao encontro das suas aspirações, o auxílio que lhes possa ser prestado nas suas necessidades mais prementes, fará com que suba enormemente o rendimento total de qualquer curso. E' extremamente condenável o método que consiste em tornar o aluno um ser passivo perante tudo que se lhe ensina.

No meu caso particular—pois lecciono um curso de adultos—o evitar deslocações de 6 e 10 km. para vir às aulas, por meio de transferências, a ajuda da Companhia em que trabalho, fizeram com que os alunos vissem tudo o que poderiam lucrar com a sua aplicação devotada. Assim o rendimento subiu para cerca de 72%. E quer no meu curso, quer no de colegas meus, verifica-se que estão a aparecer cada vez mais indivíduos não obrigados a alfabetizarem-se, isto é, com mais de 35 anos, o que prova que sentem necessidade de aprender.

Mas ainda há a falta de material! E' difícil adquiri-lo para tanta gente!

Por que não criar comissões para angariar material escolar para os analfabetos e mesmo livros e objectos de uso corrente e utilitário para premiar os mais aplicados?

Não é difícil conseguir isto, se houver boa vontade. Queremos que nos ajudem! A vós, leitores, *fazemos este apelo.*

Trabalhai em casa, na aldeia, na praia, em férias, em todos os sítios em que virdes que podeis deixar um marco que ateste a vossa vontade.

Apresentai sugestões, enviai-as mesmo para o nosso jornal.

Nós, ficamos certos de que nos compreendestes. Ajudai-nos, pois.

Vitor J. Alegria

Preço—Escudos 70\$00



Preço—Escudos 70\$00

PORTO EDITORA, LIMITADA

PRAÇA D. FILIPA DE LENCASTRE, 42

PORTO

FILATELIA

Parece mentira, mas é verdade! Por mais que pensasse não arranjava palavras para vos dirigir desta vez. E como assim sucedesse resolvi iniciar a nossa conversa desta maneira, digamos, pouco filatelista.

Vou procurar imaginar a origem da ideia de se reproduzirem flores e animais nos selos do correio:

«Um tanto ou quanto estremunhado, o senhor... fulano de tal, grande filatelista, conhecido por todo o mundo, esfrega os olhos e exclama:

—Ora, que diabo! Nunca mais encontro um motivo para a nova emissão!

Resolvido a inspirar-se, prepara-se para dar o seu habitual passeio, através dos seus belos jardins.

Veste um estupendo roupão de seda e... continuando a esfregar a vista... sai de casa!

Senta-se naquele banco de pedra. Mas qual quê? Dá um repentino salto, devido ao contacto com o gelo que repousava no seu assento.

Cada vez mais aborrecido, ergue-se e continua a passear.

Bem queriam aquelas gotas de água, que ao abanar a árvore lhe caíram pelas costas abaixo, dar-lhe qualquer sensação desagradável, podendo talvez ser nessa altura mais imaginativo. Mas nada... as ideias não lhe vinham!

Mais tarde, foi aquele troço de árvore, que, fazendo-o cair, tentou a sua vez! Mas, além do roupão rasgado, nada mais aconteceu.

E o nosso filatelista, irritadíssimo, dispõe-se a voltar a casa! E para ela se encaminha.

—Olha! Que linda flor! Que cheirinho!... — exclama maravilhado ao ver uma grande e bonita rosa vermelha.

Mas eis o que aconteceu! Aproximando o nariz para melhor respirar o aroma, sente que este foi atacado por uma abelha, que não gostou que alguém se aproximasse da sua casa sem pedir licença.

Mas, oh! inspiração das inspirações, conseguira enfim achar o motivo das novas emissões, que passariam a representar flores do seu país e também insectos de lindas cores».

E supondo que foi esta a origem, passemos ao que é realmente filatélico.

Como se seguisse a ideia do nosso amigo, podemos ver que um dos mais fascinantes selos é, por exemplo, um que representa esta ou aquela flor, mestramente decorada. A Áustria e a Hungria têm maravilhosas colecções deste género, que encantam mesmo os mais insensíveis.

Não serão maravilhosos também os do Timor português, tão deliciosamente apresentados? Os da Finlândia? Os suíços? Os poucos, mas interessantes, de Andorra? Os holandeses? Os de Israel? Os do Congo Belga?

Todos, todos esses enchem colecções espantosas, que, do mesmo género, contêm quase inacreditável variedade.

E passando aos animais, não nos honrarão as expressivas aves de Angola e os peixes de Moçambique? E tantos outros, como os últimos da nossa maior colónia?

Como ficar indiferente às encantadoras borboletas da Suíça? E àquela joaninha, que numa folha verde repousa?

Temos também selos que representam cavalos, como na Áustria, comemorando corridas célebres.

São característicos os cinco dragões que completam uma série do correio aéreo de Viett-Nam, devido a serem animais pouco representados.

Todos nós conhecemos os camelos do Sahara Espanol e outros animais da mesma colónia do país vizinho.

Quase todas as outras possessões daquele mesmo país têm selos representativos de animais que nelas vivem.

... E a Filatelia soube deste modo mostrar que também sabe apreciar a Natureza!

20/12/953 Ar naldo Owen Pinheiro Torres

Curiosidades da minha terra

Ainda que as facilidades de comunicações tenham contribuído sobremaneira para que os costumes próprios de uma região tenham vindo a desaparecer, certo é que, num aspecto ou noutro, ainda se mantêm alguns que de remota data vêm. Na minha terra, situada nas margens do Tua, onde a cultura da oliveira tem uma grande importância económica, encontra-se ainda, entre outros, um costume a que passo a referir-me.

A apanha da azeitona é feita por pessoal—jornaleiros e jornaleiras—da própria freguesia, e ainda por ranchos ou camaradas, isto é, por pessoal da terra fria—montanha—que, nesta época, se desloca para a terra quente, em migrações semelhantes às que fazem os ratinhos da Beira para o Alentejo.

Quando o rancho ou camarada é visitado durante a apanha pelos filhos do patrão, é costume serem estes multados. Quando o visitante se aproxima, sai do trabalho a rapariga mais desembaraçada e engraçada, que se lhe dirige e lhe limpa as botas ou faz menção de as limpar—abraçando-o muitas vezes, ao mesmo tempo que lhe diz que está multado no que entender ou quiser dar aos homens e mulheres, rapazes e raparigas do rancho. O pagamento da multa não se faz geralmente esperar. E assim, nesse próprio dia ou daí a alguns dias, à hora do jantar—meio dia—aparece o cântaro com vinho, cigarros para os homens e, muitas vezes, rebuçados para as mulheres.

Neste dia, o jantar, que geralmente se reduz a um bocado de pão centeio, sardinha ou bacalhau, e por vezes um pequeno pedaço de carne de porco e alguns figos secos ou castanhas, se o pessoal é da montanha, é comido com mais alegria, não faltando os ditos e as chalaças, uma por entre outra mais picante.

A animação é maior ou menor conforme a quantidade de vinho que a cada um coube.

Se o colheiteiro está presente, são-lhe patentes afectuosos agradecimentos e feitos votos para que no futuro ano haja boa colheita e lhe seja dada nova multa.

Armando Abel Castelo Trigo d'Abreu

Marizabel Loureiro

DIRECTORA DO «GINÁSIO-ESCOLA»
EX-PROFESSORA DO INSTITUTO DE ST. PIERRE DE PARIS

Rua Saraiva de Carvalho, 39-1.º - Telefone, 28926 PORTO

Meninas: Aulas de francês, ginástica, dança rítmica e clássica, 5 horas por semana—150\$00 mensais.

Pré-infantil de 2 a 5 anos: português, francês, jogos, canções e ginástica própria. Aulas diárias: 150\$00 mensais.

Senhoras: Ginástica individual e em curso para estética e emagrecimento. Individual—50\$00 por hora. Em curso de três horas por semana—300\$00 mensais.

HORÁRIO

Meninas de 5 a 8 anos, segundas e quintas das 16 às 19 horas.

Meninas de 9 a 12 anos, Terças e Sextas das 16,30 às 19 horas.

Meninas de 13 a 25 anos, Quartas das 17 às 19 horas, Sábados das 16 às 19 horas.

Pré-infantil—Aulas diárias das 14,30 às 16,30 horas.

Senhoras—Manhãs em horas a combinar.

Aulas—Piano e esgrima a combinar

Francês Comercial, 2 horas por semana—Segundas e Quintas das 19,15 às 20,15.

PÁGINA DOS MAIS NOVOS

História de Lohengrin

(Exercício de redacção colectiva dos alunos do
2.º B de 1952-53)

RESUMO DOS NÚMEROS ANTERIORES

O Conde Frederico acusa Elsa, filha do falecido Duque de Brabante, de ter assassinado seu irmão Gottfried, e reclama para si o trono. A princesa afirma que está inocente e que seu irmão desaparecera quando ambos passeavam no bosque. O Rei Henrique pede a Elsa que designe um cavaleiro para se bater com Frederico, afim de saber de que lado estava a verdade. Esta invoca o cavaleiro da Luz, que já lhe aparecera em sonhos. O seu defensor vence Frederico, a quem poupa a vida. Prepara-se o casamento de Elsa, agora duquesa de Brabante, com o vencedor do prélio, quando Ortrud, mulher de Frederico, convence aquela a perguntar o nome ao cavaleiro. Elsa, porém, hesita, porque o seu noivo jurava que a abandonaria se ela lhe fizesse tal interrogação...

ACTO II

CENA II

(Continuação)

Elsa.—...E não acredito que ele me tivesse salvado só pela ambição de possuir a coroa de Brabante. Mas que tremendo desgosto sentirei mais tarde, se ele for um aventureiro indigno de mim! (Pausa) Não sei como proceder. Meu Deus, vós que sempre me auxiliastes, dai-me forças para resistir a esta tentação. (Pausa longa. Decidida) Mas eu não posso casar com ele, ignorando se é digno de se sentar no trono junto de mim. Perguntar-lho-ei hoje mesmo. O Destino se cumprirá.

CENA III

(Entra Lohengrin)

Loheng.—Como estais, Senhora?

Elsa.—Sede benvindo. Já esperava a vossa visita. (Mantém o ar de preocupação).

Loheng.—Da última vez que vos vi, ainda há pouco tempo, achei-vos com ar mais alegre. Que vos preocupa, querida Elsa?

Elsa.—(Fazendo esforço para sorrir)—Nada de especial; apenas umas ligeiras preocupações sem importância de maior.

Loheng.—Por insignificante que seja o que vos atormenta, deveis dizer-mo, porque dentro em pouco uniremos os nossos destinos e, na qualidade de vosso noivo, acho natural que seja o vosso confidente.

Elsa.—Apenas tive um mau sonho, em que revi o meu passado e senti saudades do meu pobre irmão.

Loheng.—Tenho a impressão de que não é essa a verdadeira causa. Ocultais-me a realidade. Que vos preocupa?!

Elsa.—Podeis estar certo, Senhor, de que falei verdade.

Loheng.—Não, não temais. Tenho o pressentimento de que algo de anormal se passou. Escusado será mentir.

Elsa.—(hesitante)—É... que...

Loheng.—Dizei se alguém vos afrontou. Terá de se haver comigo.

Elsa.—Mas... ninguém me fez mal.

Loheng.—Então que vos aconteceu?

Elsa.—Apenas uma ligeira conversa com Ortrud.

Loheng.—E essa conversa é de tanto sigilo que não se possa revelar?

Elsa.—Pois sim; contar-vo-la-ei. Estáveis quase a chegar, quando Ortrud daqui saía. As suas palavras deixaram-me pensativa...

Loheng.—Porquê? Falai...

Elsa.—(Quase chorando). A verdade, Senhor, é esta: estou triste por não saber quem verdadeiramente sois. (Com ansiedade)—Suplico-vos, em nome de Deus: esclarecei-me.

Loheng.—(Tristemente, após pequena pausa.)—Está bem, Elsa, se assim o quereis... Vou satisfazer a vossa ansiedade e partirei em seguida. Eu tinha-vos prevenido que assim aconteceria, caso a vossa curiosidade fosse mais forte do que a vossa confiança. Vós não soubestes confiar, não soubestes acreditar no Enviado de Deus, que veio para vossa salvação. Ireis ter o castigo, por muito que me custe. Elsa, desobedecestes à lei que vos impus, ao pedirdes que ficasse junto de vós, e também violastes a que me foi imposta por Deus; mas, como vou partir, satisfarei a vossa fatal curiosidade. (Elsa, atónita, não diz palavra). Eu sou Lohengrin, filho de Parsifal, rei do St.º Graal. Habitamos o sagrado castelo existente para lá das nuvens, no Monte da Salvação, onde é piedosamente venerada a preciosíssima relíquia, na qual foram recolhidas, por José de Arimateia, gotas do Sangue adorável do Redentor. A lei do St.º Graal ordena que os cavaleiros de Deus nunca revelem a sua identidade, se quiserem permanecer em qualquer lugar. Eis a razão que me obriga a partir. Adeus, querida Elsa.

Elsa.—(De joelhos, a chorar) Lohengrin, suplico-vos que fiqueis. Jamais voltarei a perguntar-vos algo. Peço-vos perdão e juro-vos que em nada vos desobedecerei. Atendei às suplicas desta pobre criatura. A pergunta que vos fiz foi uma tentação de que me sinto totalmente arrependida.

Loheng.—Não; partirei. De contrário, perderia todo o meu poder, para me tornar um homem vulgar. E eu jamais renunciarei à Glória e alegria sobrenatural de ser um cavaleiro de Deus.

Elsa.—(Cai aos seus pés, banhada em lágrimas)—Não, Lohengrin! Todos os castigos, menos a vossa partida para sempre! Piedade, e perdoai-me.

Loheng.—(Olhando Elsa com tristeza profunda)—Eu não poderia ficar. Conheci junto de vós uma felicidade que julguei infinita. Mas a vossa dúvida matou a confiança e quebrou a harmonia entre nós. Só a pureza de coração é capaz de manter a Fé. E vós não soubestes confiar.

Desfez-se o nosso sonho, Elsa. Adeus...

(FIM do acto II)

QUEBRA-CABEÇAS

Secção dirigida por: EDUARDO PINHO e FRANCISCO VASCONCELOS

Recebidas para cima de trinta respostas às perguntas do número anterior, verificamos que apenas dezassele estavam completamente certas. E considerámos certas as respostas que, quanto ao hieróglifo comprimido, rezavam «Telegrafia sem fios», em vez de «Telefonia sem fios». Senão...

Os concorrentes que se habilitaram ao sorteio foram os seguintes: Mário José Tavares da Fonseca, Pedro Regueiras, Alfredo José Santos, Ana Maria da Silva Ramos, Manuel José Ferreira Pinto, Manuel Adelino Neiva dos Santos, Maria Helena Vergueiro, Maria Isabel Vergueiro, Maria do Céu Morais, Henrique Sampedro Nogueira, J. M. Barreiros Leal, António Carlos de Sousa Miranda, José Carlos Balacó Moreira, Fernando Almeida Guedes de Melo, Armando Abel Trigo de Abreu, José Adelino Fonseca e o concorrente do pseudónimo «Tu e eu».

Efectuado o sorteio, na presença do nosso professor orientador Snr. Dr. Óscar Lopes, o sorteio veio bafejar, desta feita, Henrique Sampedro Nogueira, a quem já enviámos o prémio de um livro.

As respostas exactas eram as seguintes: 1) Gil Eanes; 2) Português, Latim, Matemática, Naturais, Filosofia, Física, Organização, Alemão, Biologia, Francês e Grego. (Por lapso tipográfico, foi omitido um ponto na palavra «Naturais». No entanto, os concorrentes compreenderam e tornearam o aparente obstáculo); 3) Telefonia sem fios; 4) Liceu D. Manuel; 5) Dormiu uma hora.

E, agora, atenção às questões deste número:

1) — Charada combinada

- + PEDE—homem
- + ASONAR—salientar-se
- + DO—substância química
- + DIO—aborrecimento
- + RÓTIDA—artéria do pescoço

Conceito: sala de leitura

2) — Provérbio a adivinhar

D	S	V	A	L
3	1	1	1	2

As letras indicam o começo de cada palavra do provérbio; e os algarismos o número de sílabas da palavra respectiva. Como se trata da primeira vez, vamos dar um exemplo:

A	C	A	S	P
2	1	2	1	2

Será: Amor | com | amor | se | paga.
2 | 1 | 2 | 1 | 2

3) — Hieróglifo Comprimido

51 Abóbada Celeste 500. 1000 + A + DESPIDO + E + 50 2.º

4) — O seu a seu dono

Na coluna da esquerda, estão os nomes de seis escritores portugueses; na da direita, uma obra de cada um deles. Indicar a obra de cada escritor.

- | | |
|---------------------|-------------------------|
| Júlio Dantas | —Auto da Alma |
| Camilo C. Branco | —Eurico |
| Eça de Queirós | —O Mandarin |
| Alexandre Herculano | —O Alfageme de Santarém |
| Almeida Garrett | —Elogio do Sorriso |
| Gil Vicente | —Amor de Perdição |

5) — Pergunta à inteligência

5) — Uma pessoa, dentro duma casa, por qualquer razão que não vem ao caso, fica com as solas dos sapatos presas ao chão, sendo impossível deslocá-los.

Pergunta-se: tendo essa pessoa um minuto para mudar desse compartimento para outro, como poderá fazê-lo sem o auxílio de qualquer instrumento, seja qual for?

Agradecemos que, junto com as respostas, os leitores nos dissessem se concordam com a inclusão de palavras cruzadas, fazendo parte do concurso.

As respostas devem ser entregues, com o respectivo cupão, até 12 dias a contar do da saída deste número. As respostas por correspondência devem ser dirigidas ao primeiro director desta secção, Rua de Faria Guimarães, 1117—Porto.

E, agora, boa sorte. Podeis habilitar-vos ao sorteio de mais um livro, oferta de «O Mensageiro».

EXTRA-CONCURSO

Palavras Cruzadas

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1									
2	●				●				●
3			●					●	
4				●		●			
5		●							●
6				●		●			
7			●					●	
8		●			●				●
9									

Horizontais: 1—diversidade. 2—arraial; existes. 3—compreendi; grito de dor (pl.); porco. 4—cabelos brancos; perverso. 5—planeta principal. 6—descoberta; nome próprio. 7—caminhar; coração; antes de Cristo. 8—preposição e artigo contraídos; distava. 9—da cor do ouro.

Verticais: 1—impetuosa. 2—andava; antiga cidade caldaica. 3—batráquio; transpira; aspecto. 4—árvore da ilha de S. Tomé, de raiz medicinal; esconderijo. 5—habitante da Itália. 6—desde; curso de água natural. 7—artigo (pl.); maior; ali (inv.) 8—interj.; basta!; uma. 9—encrespar.

(Jorge Araújo)

Cupão 12